



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

O COTIDIANO DA VIDA CONJUGAL NO DISCURSO DE HOMENS HOMOSSEXUAIS

Carolina de Campos Borges¹; Priscila de Carvalho Acosta²

Rodovia Dourados-Itahum, Km 12, Cidade Universitária, Dourados/MS CEP 79.804-970 - UFGD/FCH

¹Profa Adjunta; ² Bolsista PIBIC/CNPq

RESUMO

Diante da necessidade de melhor conhecer as relações homoafetivas, e por serem escassos os estudos científicos dedicados a este tema, vem sendo realizado um estudo sobre os discursos de homens engajados em uma relação homoafetiva estável a respeito de suas vidas conjugais e, assim, melhor compreender as novas formas de família que estão surgindo. O processo de análise dos resultados ainda está em processamento, mas já é possível apreciar um pouco a maneira como concebem seus relacionamentos. Além disso, é concebível afirmar que novas ideologias vêm se formando nessas relações.

Palavras-chave: Conjugalidade homoafetiva; família; contemporaneidade.

1. INTRODUÇÃO

A união homoafetiva é um tema novo e ainda pouco pesquisado no Brasil. Para Mello (2005), as relações entre pessoas do mesmo sexo vêm redefinindo padrões de conjugalidade e gerando uma ruptura com modelos convencionais definidores da instituição familiar que seguiam concepções heterocêntricas. Na contemporaneidade, diferentes arranjos familiares vêm se constituindo, o que torna necessário estudar os novos sentidos que estão surgindo para a vida conjugal e familiar, inclusive a vida conjugal de casais formados por pessoas do mesmo sexo.

Esse tema ganhou destaque por ocasião do reconhecimento legal da co-habitação de casais homossexuais, estendendo a esses indivíduos o regime jurídico das uniões

estáveis previsto no Código Civil, ocorrido no Brasil no ano de 2011. Tal fato criou muitas controvérsias e pôs em questão valores e discursos tradicionais que sustentam o caráter “periférico” das relações homoafetivas, na sociedade heteronormativa da qual vivemos. Afinal, retirar o homossexual de uma posição “marginal”, incluindo o casamento homoafetivo nas possíveis concepções de vida familiar impõe um grande exercício de flexibilização da concepção de família - o que, ressalta-se, há muito tempo já vem ocorrendo em função das novas configurações familiares provenientes dos divórcios e recasamentos e das novas técnicas de reprodução artificial (Vaitsman, 1994; Gross, 2007).

De acordo com Mello (2005), setores da sociedade brasileira influenciados, geralmente, por ideologias familiaristas e naturalistas de origem religiosa, têm se revelado bastante resistentes aos discursos mais liberais e à aceitação da normalidade dos homossexuais, principalmente no que tange à forma de se conceber família. Isto vai ao encontro do que afirma Dias (2009), segundo o qual a homossexualidade é marcada pelo estigma social, sendo renegada à marginalidade por se afastar dos padrões de comportamento convencional.

De acordo com esse contexto vale destacar a importância do reconhecimento jurídico da homossexualidade, que acelera o processo de aceitação da sociedade como um todo, devido ao caráter legal que assume. O reconhecimento do direito à sexualidade e ao livre exercício da orientação sexual favorece, sobretudo, a diminuição da homofobia, essencial para a vida social desses indivíduos (França, 2009).

Neste contexto, Salomé & Cols. (2007) afirmam que, no momento em que indivíduos homossexuais resolvem formar uma família diferente do modelo tradicional proposto, que é composto por um homem e uma mulher, eles estarão criando uma condição nova.

“Esta família, ao ser constituída, deverá ter como alicerce o seu mundo vivido, onde o respeito, o afeto, o zelo, o carinho, a compreensão, a confiança, o amor, a sinceridade, e o cuidar um do outro são palavras e atitudes fundamentais para uma convivência duradoura, que poderá ter momentos de sofrimento, de alegria, de conquista e de perda, construindo, dessa forma, uma vida a dois” (Salomé & Cols., 2007, p. 562).

O presente estudo buscou compreender a experiência conjugal homoafetiva por meio da análise de discurso, pois, o discurso individual nos remete a realidade social. A linguagem presente nos discursos de acordo com Rocha-Coutinho (1998) está intimamente relacionada a questões e processos sociais e psicológicos amplos e

complexos. A linguagem de acordo com a autora encarna visões específicas da realidade, ou seja, diferentes formas de falar expressam análises e abordagens distintas de áreas específicas da experiência. Longe de ser neutra, a linguagem é constitutiva da própria realidade, ela reflete, reforça e constitui modos de organizar a realidade. Os falantes inscrevem em suas falas, suas ideologias e interesses.

Como são escassos os estudos referentes à vivência homoafetiva, este trabalho preocupou-se em entender, por meio dos discursos de homens homossexuais, questões relacionadas ao cotidiano de casais formado por pessoas do mesmo sexo, atentando-se em apreender o que se passa no imaginário desses casais e sua interface com processos sócio-culturais.

O propósito de se analisar os discursos compreendidos na categoria “a vida conjugal homoafetiva” está em compreender que ideologias perpassam o sentido da vida conjugal estabelecida entre dois homens. Há uma reprodução do modelo heteroafetivo nas suas relações? Ou, ao contrário, verifica-se a ultrapassagem dos parâmetros sociais que tradicionalmente regulam as relações entre pessoas de sexo diferente?

2. METODOLOGIA

Foram realizadas 9 entrevistas semi-estruturadas com homens homossexuais engajados em uma relação homoafetiva estável e regime de co-habitação há pelo menos dois anos. No momento da realização das entrevistas, eles moravam na cidade de Goiânia (GO) e tinham idades entre 35 e 45 anos. Todos eles são pertencentes aos estratos sociais médios.

Os sujeitos foram convidados a participar da pesquisa a partir de sua rede social, o que, segundo Heilborn (2004), é uma estratégia de recrutamento interessante quando se tem como alvo as camadas médias, um segmento extremamente vasto e variado, de difícil definição. Trata-se de uma tentativa de abordar pessoas que compartilham de uma representação de mundo próxima dentro das “classes médias”, fazendo com que a comparação de seus discursos seja possível.

A “Análise de Discurso” foi considerada a metodologia adequada para a realização desta pesquisa em função do nosso objetivo de apreender as falas dos sujeitos como textos produzidos dentro de um contexto sócio-cultural e explorar os sistemas ideológicos subjacentes a ele (Rocha-Coutinho, 1998).

Ressalta-se ainda que, antes da realização das entrevistas, todos os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido através do qual expressaram concordância em participar deste estudo e autorizaram o uso das informações para estudos acadêmicos e para publicação, tendo a pesquisadora se comprometido a garantir o sigilo de suas identidades e utilizar nomes fictícios na divulgação dos resultados.

Os dados que serão apresentados resultam da análise dos discursos compreendidos na categoria “A vida conjugal homoafetiva. Esta análise teve como objetivo verificar quais os valores e ideologias subjacentes ao cotidiano dos entrevistados. Deve-se esclarecer que a análise desta categoria ocorreu entre os meses de novembro de 2013 a julho de 2014, como estava previsto no cronograma do Plano de Trabalho apresentado à COPq/UFGD. Anteriormente à realização da análise dos dados, foi realizado um treinamento breve da bolsista de iniciação científica na metodologia de Análise de Discurso, segundo Rocha-Coutinho (1998).

3. RESULTADOS

Os discursos compreendidos na categoria “A vida conjugal homoafetiva” foram analisados a partir de 3 sub-categorias: **1ª) Ritual de casamento; 2ª) Divisão de papéis na vida conjugal; 3ª) O que sustenta o casamento gay.** O processo de análise dos discursos ainda está em andamento, porém, já é possível tecer algumas considerações.

3.1. Ritual de casamento

Com relação à sub-categoria “Ritual de casamento”, de modo geral, os discursos dos entrevistados sobre a celebração do casamento apontam uma tensão entre comemorar a união com o companheiro e não querer se confundir com um casal heteroafetivo. Por isso, em suas falas, a comemoração da relação encontra-se diluída em momentos do cotidiano do casal. Reuniões com amigos, comemoração de datas especiais com programas a dois, viagens, que segundo eles também são formas de celebrar um casamento. Como podemos observar:

“Não, nenhum. A gente sempre tem a questão da data de aniversário. De lembrar... se conhecemos, aí tem aquela data. Fazem 13 anos agora. É uma data que a gente lembra, mas assim, uma comemoração diferente. Sem expor a terceiros. Se tiver terceiros, são pessoas muito próximas. Mas a gente sempre pensa em fazer alguma coisa bem particular, individual, os dois. Uma viagem...” BERNARDO

“Não. Hoje, até com os casais heteros, eu vejo amigos comentarem, começam a namorar, vão morar junto. Até o meu companheiro, ele sempre teve esse negócio de querer casar, de fazer cerimônias, convidar amigos. Mesmo com o companheiro, eu ainda não tenho essa vontade de fazer uma cerimônia. Eu sempre fui meio pé atrás. E até também um pouco de receio talvez de uma divulgação. Hoje até não teria medo da divulgação por que os amigos que eu tenho são amigos que eu confio. Eu já fui em outras cerimônias com meu companheiro. Então, da mesma forma que foi a divulgação desse casamento, poderia ser a minha também. Mas, assim, eu nunca tive essa vontade da cerimônia. Até eu imagino que é realmente aquela coisa de um casal gay, de uma relação homoafetiva, que está procurando encaixar nessa sociedade um meio de convivência que eu acho que é uma cópia do modelo heteronormativo”. GIORGIO

“Não. Olha, eu não sei por que... Eu não comparo nosso relacionamento com relacionamento hetero. Assim, essa coisa da formalidade. Sabe, tipo assim, aquela coisa da transição... Igual ao relacionamento hetero, aquela coisa do noivado, aí um pede o outro. Não. O nosso, eu acho, o fato de falar “o casamento”, eu acho que o casamento é essa coisa de estar junto, convivendo, e tal. Então, eu sinceramente, eu não sinto essa necessidade. Eu acho que esse ritual a gente faz quase todo dia, assim. Sair pra jantar, pra comemorar. Por que acaba que, por mais que a família não tenha aquela... Igual eu te falei, não teve aquele trauma, aquela coisa. A gente sai pra comemorar. Já fizemos natal aqui que veio toda a família, a minha e a dele, mas não... acaba que vc não fica tão à vontade, por mais que você queira. Então, quem acompanha mesmo nos finais de semana são os amigos”. EVANDRO

“Tiveram fatos importantes, por exemplo, quando a gente se mudou pra esse apartamento, além de inaugurar esse apartamento, que veio todos os amigos, enfim, era aniversário dele também. A gente comemora junto os aniversários dele com todos os amigos, pessoal do trabalho. Quer dizer, já era um momento de exposição. Um outro momento interessante, eu fui presidente do CCC e ele foi à posse. Ele representava o Conselho X. E na posse ele me chamou de “meu companheiro”. Para muitos ali o “companheiro” podia ser companheiro de partido. Para outros que já conheciam a gente, era companheiro que convive comigo na minha vida. Aquilo foi... não teve um fato assim “vamos ficar juntos, vamos chamar as famílias”, não. Isso não porque não fazia muito sentido.” LEANDRO

“Uai, eu acho que é bacana dividir com os amigos e tal. Às vezes até com a família, né? Principalmente, Por que não? Mas, não é uma coisa que eu fico pensando ‘ah, eu quero fazer, eu quero fazer’, não. Mas eu penso em fazer, sabe. Quem sabe? Daqui 10 anos, 20 anos no caso. Mas é bacana. Eu acho que é uma idéia legal, sim. Da festa, da aliança. (...) Não, não [faz diferença para a relação]. Diferença para a relação, não. Agora... mais por que a gente gosta muito de festa, né? Então, assim, um motivo pra uma festa. Rs. Que é um motivo bacana, né? Se vc for pensar. Mas a gente sempre faz aniversário, almoço, janta. Aquela coisa. Fica em casa e tudo. Mas se isso influenciaria sobremaneira, não. Ficaria do mesmo jeito.” CARLOS

Somente um entrevistado achou importante organizar uma grande festa para celebrar seu casamento. A festa foi inspirada no ritual de casamento tradicional, de um homem com uma mulher, porém foi planejado para marcar o fato de se tratar da união de 2 homens, como se pode ver:

“E aí eu falei com ele assim: ‘você quer casar?’, ‘Quero’. Aí eu organizei uma festa pra 300 pessoas... todas de branco. Gastei uma grana que eu tinha guardado. Eu falei pra ele que era muito importante isso. Que era uma grana que poderia ser uma entrada de uma casa, ou de um lote, ou de alguma coisa pra gente construir, ou trocar de carro. Essas coisas que todo brasileiro tem, que qualquer pessoa tem. Aí eu falei pra ele, aprovou a lei, eu peguei o carro dia 13 de abril de 2011. A gente se casou no cartório. Eu bati meu carro do tanto que eu tava nervoso. (...) [Casamos] no cartório. Contrato homoafetivo. 29 de abril o contrato. No dia 13 de maio, numa 6ª feira 13, a gente se casou numa cerimônia muito linda que o W. foi o mestre de cerimônia. Ele que fez o lugar do padre. Ele que fez todo o enlace. Nós tivemos 60 padrinhos. (...) Como se fosse [um casamento religioso]. Como se fosse! Por que não tinha nada disso. (...) O que o W falou? Ele trabalhou muito a questão... Eu pedi pra ele que não fosse nada chato. Eu queria que fosse um dia muito especial pra gente. Nesse dia eu tomei um ecstasy. Foi maravilhoso!!! HAHHAHAHA! (...) A gente entrou com uma roupa branca muito bonita de renda, os dois. (...) modelos diferentes, mas brancos. E de barba. Nós dois de barba. Uma barba muito cheia que a gente fez questão de usar a barba cheia. (...) Porque a gente achava bonito a gente entrar os dois de barba. Masculinos, sabe? Sem mostrar que a figura do gay tem que ser aquela figura estereotipada. Mas nós fizemos um bouquet de 7 ervas. Com bouquet, com ervas e tudo. (...) Os dois. Cada um com um. (...) Não chamamos ninguém das nossas famílias. Nenhum familiar. Foi uma espécie de festa artística, para as pessoas que a gente conhecia de arte. A gente queria oficializar pra eles isso”. AUGUSTO

Para dois entrevistados, o momento do registro da união estável, no cartório, acabou se tornando um momento de grande comemoração pelo fato de terem sido um dos primeiros casos deste tipo de procedimento realizado no Brasil. Segundo eles, por pressão da sociedade, este momento ficou parecido com uma festa de casamento heteroafetivo. Para um desses entrevistados, este momento não foi muito significativo. Para o outro, a oficialização da união foi vivida como uma celebração afetiva. Conforme os seguintes relatos :

“Eu entendo [o momento do registro] como um ato burocrático. Ele, sim. Porque ele tem uma religiosidade muito grande. Ele vem da Assembleia de Deus. Então, casamento é algo sagrado, né? É algo duradouro. Eu já tenho uma outra visão sobre isso. Eu acho que é uma oficialização burocrática. Você vai num cartório e assina um documento com testemunhas e deixa registrado. Mas como era a primeira, ela acabou virando um ritual porque a mídia pedia isso. Então, ‘beija daqui’, ‘vai de terno’, ‘leva aliança’, ‘se possível leva uma flor’. Ele, nem tanto. Mas a mídia cobrava e a gente teve que fazer. E no Rio de Janeiro foi feito um ritual porque foram mais de 40 uniões estáveis no mesmo dia, entre casais gays e casais de lésbicas e casais de travestis, né? Então, acabou lá virando um ritual quase que parecido com um casamento heterossexual, uma mistura de ação judicial com coisa religiosa (...) A ideia era demonstrar que, para um casal do mesmo sexo, ou do mesmo gênero, era igualitário”. HELDER

Para outro entrevistado o ritual foi uma ocasião de registro de união estável, porem, o mesmo vê o momento como o dia mais feliz de sua vida, tendo o peso de um ritual mesmo.

“Foi, eu pensei assim. Pensei que esse ato nesse dia, foi o dia mais feliz da minha vida, foi o dia do meu casamento. Foi o dia que... sei lá, eu tava transbordando. Pra mim foi um casamento normal. Mas é diferente, relacionamento hetero e relacionamento gay. (...) O casamento foi o dia mais feliz da minha vida e tal. Uma realização. Fiquei muito feliz. (...) Só registramos a união em cartório. Não teve nada, não teve festa. Depois fomos para casa. A gente não pode sair por aí comemorando. A gente ficou em casa mesmo, assim, para ver a repercussão também.”
JOÃO

3.2. Divisão de papéis na vida conjugal

Já na sub-categoria “Divisão de papéis na vida conjugal” as ideias de “parceria”, “compartilhar”, “ajudar”, “fazer o que gosta”, “dividir” permeiam a

organização dos cotidianos dos entrevistados e seus companheiros. Segundo eles, embora haja uma divisão das tarefas domésticas, ela não é estabelecida seguindo padrões tradicionais, onde algumas seriam femininas e outras masculinas. Portanto, verifica-se em seus discursos sobre a organização cotidiana uma clara influência de valores igualitários, como se pode observar:

“No começo a gente tava, assim... um ajudando o outro mesmo, assim, né? A gente já dividiu qualquer coisa, pagava o aluguel... Hoje a gente já tem condições de ter uma secretária do lar. Então, essa secretária doméstica ela faz e... Eu sempre faço uma comida, uma coisa, o R limpa e tal... E a gente vai indo. Acho que é isso. (...) Na verdade, assim, ela faz o serviço doméstico mesmo. Mas eu fazia também, o R fazia. Quando a gente começou a morar junto, a gente que arrumava. Até a gente colocar alguém, assim. A gente sempre colaborou muito um com o outro pra... pra dar certo, sabe? Eu acho que o segredo é esse, de qualquer relacionamento. É um querer. Ambos querer. Um querer e o outro também.” CARLOS

“Tem [divisão de tarefas], a gente tem, mas tem coisas que a gente não gosta, né? Cada um não gosta. Eu, por exemplo, detesto arrumar casa, essas coisas, sabe? Ele gosta. Só que aí ele não gosta da cozinha e eu gosto. Então aí, por exemplo, eu arrumo a cozinha, eu sou organizado com as contas da casa, eu sou organizado com... com... com a agenda que a gente precisa fazer.” AUGUSTO

“Tem [divisão de tarefas], mas elas não são tão estanques assim. Você não é obrigado a isso, obrigado a aquilo. (...) tipo, ontem eu tava com vontade de cozinhar, fomos lá, compramos. “você quer ajuda?” “Não, não precisa, não. (...) Não querendo ser egocêntrico, mas já sendo, os dois cozinham muito bem. Então, não existe um papel. Então, na cozinha eu sou muito da vontade. Ta com vontade, vai lá e faz. Não ta com vontade, pega o telefone e liga e pede, ou vamos sair para algum canto e jantar. Não existe um papel definido e os dois vão. Então, tem uma simbiose muito legal. Na cozinha, é assim. Nas despesas. Aqui é assim, vamos compartilhando vidas. Alegrias e tristezas.” LEANDRO

“Éh, tem uma divisão, sim. Parceria, mesmo. Por qque eu acho que, independente se é uma relação amorosa, tem que ter divisão de tarefas. Então, às vezes, por exemplo, hoje é um dia que eu trabalho o dia todo. Trabalho e viajo. Então... eu como muito fora. Geralmente eu almoço fora, às vezes eu janto fora e às vezes eu janto em casa. Então, às vezes ele faz. Tanto eu como ele, a gente cozinha. Eu já trabalhei em restaurante e ele também, então a gente sempre (...). Às vezes ele fala “não vou fazer nada” e não faz. Mas tem a divisão.” BERNARDO

“Não tem aquela divisão machista de gênero. A mulher lava, passa, arruma, faz tudo na casa. Então, os dois têm que fazer tudo na casa. A gente não tem empregada doméstica nem diarista.

Então, nós mesmos arrumamos a casa, nós mesmos passamos a roupa, nós mesmos lavamos, nós mesmos fazemos comida. Agora, a gente divide, por exemplo, se seu cozinheiro, ele lava as louças. Se ele cozinha, eu lavo as louças, né? A roupa dele, ele passa. A roupa minha, eu passo. A casa, às vezes ele varre, às vezes eu varro. Se eu tô muito ocupado com uma outra atividade, para não duplicar a jornada, que é comum no mundo machista, obrigar a mulher a duplicar a jornada, lá a gente não tem isso. Então a gente distribui mais ou menos nessa linha de não deixar as atividades de casa pender muito sobre o ombro de um do que de outro. Então, a partir do tempo que cada um tem disponível, cada um contribui com o que pode. Ele diz que eu cozinheiro melhor, então ele prefere sempre que eu cozinhe pra ele”. HELDER

“Não, mais ou menos. Não tem nada por escrito. A gente já sabe mais ou menos o que cada um gosta de fazer. Rs. Ele, por exemplo, gosta de lavar roupa e eu não gosto. Ele cozinha bem, eu também cozinheiro. A gente vai dividindo. Às vezes ele cozinha, às vezes eu cozinheiro. Lava, limpa casa. Vai dividindo as tarefas assim, né? Normal.” JOÃO

“Nunca foi estabelecido assim. Interessante... por exemplo... na realidade, surgiu um problema em casa, qualquer um dos dois resolve. Mas, por exemplo, compras. Geralmente compras pra casa a gente faz juntos. Lógico, se um não está o outro vai e compra o que está faltando. Eh, vai muito também pelo trabalho. (...) Mas, assim, geralmente quando ele tá fazendo a comida eu tô do lado, to picando alguma coisa, tal. Mas nunca foi uma coisa “vamos estabelecer, você faz isso, eu faço isso.” No dia que eu tô com vontade de fazer comida, eu vou e faço. Os dois trabalham, eu estudo, ele também trabalha à noite, faz um curso, faz inglês no final de semana. Hoje a vida é muito corrida, então acaba que a gente come muito fora também. Não tem nada pré-estabelecido, coisas de casa... às vezes, como eu trabalho perto da nossa casa, ele trabalha um pouco mais longe e não dirige”. GIORGIO

“Financeiramente, tudo a gente tenta fazer dividido igual. Em partes iguais. Só que já teve fase na minha vida de ele estar ganhando mais, ou ele estar melhor, e aí ele contribui mais, ajudar mais. Já teve fase de eu estar melhor, eu contribuir mais. Pra gente fazer uma viagem e eu convida-lo. ‘Vamos fazer?’, e eu proporcionar ‘Pode deixar, eu pago isso aqui. Pode deixar que eu organizo’. Mas as contas de casa, no geral, é dividido 50%. É mais quando um tá numa fase melhor. É isso, assim. Às vezes você presenteia com uma coisa melhor e tal, chama pra fazer uma viagem e paga. Mas é desse jeito. E as tarefas de casa, a gente tem... tem uma pessoa pra ajudar, uma diarista. (...) Ele tem mais tempo porque, como ele é plantonista, então ele fica mais tempo dentro de casa, ele organiza mais. Só que, quando a gente tá nós dois, geralmente parte de cozinha, ele gosta de cozinhar. Eu já não sei”. EVANDRO

“Nosso dinheiro, ele é conjunto. A gente não tem conta conjunta, mas sempre ele tem noção de tudo que eu ganho e eu do que ele ganha. Então, a gente paga tudo junto. Tudo é na base da

divisão. Eu cozinho mais, por que eu sei cozinhar. Mas em compensação, se tem que arrumar uma lâmpada, alguma coisa, ele faz mais. Né? Então, assim, cada um faz aquilo que sabe mais. Eu sei mexer mais nas coisas de computador. Então, se tem que ver alguma coisa de computador, eu olho mais, entendeu? Eu não, por ser artista, principalmente, eu não tenho a menor, a menor nada pra cuidar de finanças. Então, o R cuida mais das finanças. Ele sabe onde a conta tá devedora, onde não tá, qual que a gente tem que cobrir primeiro. É tudo em conjunto.” FLÁVIO

Quanto a questão de haver entre eles alguém que desempenhe um papel “feminino” e outro “masculino”, todos os entrevistados disseram que não se vêem em um papel feminino quando realizam atividades tradicionalmente atribuídas à mulher.

“E as pessoas, contrariamente do que pensam, que o casamento gay, por exemplo, uma relação estável, tenha mais liberdade, a gente acaba transpondo para a vida da gente algo muito parecido com o que a gente viveu em casa, os modelos que teve em casa. De distribuição de tarefas. Óbvio que aqui em casa cada um cuida um pouco de cada coisa. Óbvio que eu cuido mais da casa, mas M tbem cuida, sabe cozinhar, lavar, se precisar limpar tbem limpa. A gente não tem essa coisa de um papel masculino e um papel feminino. (...) Por que minha mãe é uma pessoa muito presente na minha vida e ela nunca aceitou que houvesse atitudes diferentes em casa. Meninos e meninas já tinham que fazer a mesma tarefa. Então, eu tinha que lavar louça, lavar os animais, lavar o banheiro. Isso era rotativo. Acho que a educação que os meus pais me deram acabaram auxiliando essa vida que eu tenho hoje também. Eu acho justo”. LEANDRO

“Acho que não. Acho que a gente faz as mesmas coisas, assim. Eu gosto mais de cozinhar. E ele gosta mais de lavar. Então, ele diz que pra dar certo tem que ser assim. Um cozinha e o outro lava. Kkk. Mas eu lavo também, ele cozinha às vezes. Eu acho que... basicamente eu cozinho e ele lava. Kkkk (gargalhada). (...) E hoje em dia não acha empregada, né? Nem essa coisa de esposa, que oficialmente a esposa que faria esse tipo de serviço. Elas não fazem também mais. Elas preferem trabalhar fora. E eu acho que elas estão certas de certa forma. Eu acho que é o fim do estereótipo. De todas as formas, né? Vc pega um jogador de golf hoje mundial, ele é negro. Aí vc pega um negro, é *rapper*. Aliás, um branco é *rapper*. Acho que foi o Jabor que falou isso, que é o fim dos estereótipos mesmo. Pega as coisas que deveriam ser daquela forma e são de outra forma e absolutamente diferente. Contrárias até, né? Se vc pensar, um rapper branco, ele não tem motivo pra fazer *rap*. Ele não soube o que foi o preconceito, aquela coisa e tal. No entanto, ele faz tão bem quanto o outro, um outro negro, no caso. Assim eu acho que são os relacionamentos. Enquanto a gente tiver naquela coisa de... das funções especificamente masculinas ou femininas, comportamentos. Homens não cruzam a perna assim (faz o gesto), cruza a perna assim. Mulheres cruzam a perna assim. Acho essa coisa, assim, meio perda de

tempo. Isso é um mecanismo de dominação, na verdade, né? Então, nosso relacionamento sempre teve muito isso. A gente nunca esteve preso a essas... certas convenções, sabe? A gente sempre deixou rolar e tal. Sempre foi... Assim... vem dando certo, né? Até hoje...” CARLOS

“Não [há alguém que se enquadra no papel de mulher e no de homem] (responde rapidinho). Jamais. Isso inclusive é uma... Eu nunca presenciei de alguém colocar. Às vezes... tanto eu quanto ele somos muito questionadores, assim, das idéias dos outros, da forma como é colocada, no preconceito no jeito das pessoas. O preconceito já diz, a pessoa não conhece, não tem o conhecimento, e aí colocam umas coisas que não têm nada a ver. Não existe, de forma alguma. Não existe mesmo. Aliás, pra mim, por isso que é muito diferente, por que não tem que ter ligação nenhuma. (...) com essa questão que alguém tem que ser o homem, alguém tem que ser a mulher. A relação é entre dois homens. Não existe, entendeu? Tanto que, para mim, qualquer coisa que venha a copiar a questão parecida com isso. Por exemplo, casamento, filhos, eu sou contra. Pra mim não serve.” BERNARDO

“Tradicionalmente, alguns casais gays, isso é quase que automático, essa coisa do machismo, né? De identificar quem tem mais identidade com o gênero feminino, desenvolver as atividades que são ditas entre aspas “de mulheres”, e o que tem mais identidade com o gênero masculino, mais másculo, mais não sei o que, fazer as atividades “masculinas”. Mas entre nós dois não tem essa regra de conduta, não. A gente não tem é gênero nas atividades, não. A gente atua sem saber que isso é papel de mulher, isso é papel de homem. É papel meu e papel dele, a partir do tempo de cada um, da qualificação que a gente tem pra aquele tipo de atividade... E, por exemplo, compra de supermercado, a gente faz junto. Não é ele quem faz, nem eu. A não ser que ele esteja ocupado no dia. Ou eu esteja viajando, ocupado, aí ele faz. Mas normalmente a gente faz junto, né? É considerada uma atividade típica hoje de que a mulher é que faz, né? Então, não tem essa coisa do binário macho-fêmea, masculino-feminino, não.” HELDER

“Acho que não existe mais esse negócio de atividade só de mulher, só de homem. Todo mundo pode fazer qualquer coisa, né? Somos dois homens. Somos pessoas naturais perante a lei. E tem aquele negócio de... já perguntaram muito pra mim ‘quem é o homem, quem é a mulher?’. ‘Não’. Somos dois homens, fazemos trabalho de casa normal, como qualquer homem faz, como qualquer homem cozinha, qualquer homem pode limpar um chão...” JOÃO

“Não, eu acho que de forma nenhuma [que tem alguém que faz o papel de homem e o de mulher]. Nem na relação íntima nem na relação de organização, nem financeira. Até por que, na financeira você nem pode falar isso pq mulher hoje ta pagando. Haha. Não tem isso mais. Essa coisa machista que existiu lá atrás, não, acho que não.” EVANDRO

“Acho que não. Eu já pensei sobre isso algumas vezes, sabia? O fato de eu cozinhar, por exemplo, que parece ser um papel feminino, mas o que eu vejo hoje é que os homens é que cozinham mais. A gente não faz a comida do dia a dia. A gente geralmente come fora. A gente faz comida pra visitas, pra amigos e tal. E geralmente homens que cozinham mesmo. Acho que esses papéis estão invertidos também no mundo heterossexual. Mas eu acho que o R tem mais características... se a gente fosse separar, mas não vejo isso muito na gente... Eu sou mais ligado ao mundo, ao que ta acontecendo, ao twitter, ao facebook, eu sei o que ta rolando. (...) Poderia, mas não necessariamente, por que a gente inverte muito os papéis. Tem hora que o R é muito inseguro. E eu como sou muito firme, muito decidido, eu vou lá, assumo a frente. Então, nesse momento, eu assumo o lugar do homem. E também por que nós discutimos muito sobre isso. Qual é o modelo que o casamento gay vai seguir? Por que nós hoje seguimos o modelo heteronormativo, né? Foi o que nós aprendemos. Mas eu acho que as relações homoafetivas no futuro, elas vão desenvolver um modelo próprio. Eu acho que esse modelo heteronormativo que... eu e o R seguimos o modelo heteronormativo.” FLÁVIO

“Não, não tenho. Não tenho mesmo. Eu já tentei pensar várias vezes. Como seria isso? Por que você pensa assim, a gente tem características próprias de dois homens, né? Um homem e uma mulher, a gente brinca muito, a mulher demora horas para tomar banho. O homem fica pronto em 15 minutos. Então, no nosso casamento não existe isso. Os dois ficam prontos rápido, os dois querem sair logo, os dois vão ter impaciência pra fazer compra, e tem que fazer. Tem que adaptar pra fazer compra Por que um dos dois têm que fazer, ou os dois têm que fazer junto, né? Por que um não aceita ‘por que que eu vou ter que fazer compra enquanto você vai ficar de boa aí? Vamos lá’. Então, a gente vai achar a fórmula ainda. Mas eu acho que essa fórmula vai ficar pra próxima geração. Eu acho que agora... sabe como é que eu reparei a relação da homossexualidade moderna ou diria contemporânea? Nós estamos como os escravos que foram libertos. A gente não podia contar, não podia casar, não podia morar junto, ninguém podia saber. De repente, nós vivemos num mundo que agora pode. ‘Vai lá. Casa, vive junto, dorme junto. Anda de mãos dadas, compra casa junto, viaja junto, compra um pacote de viagem pra família...’” FLÁVIO

Somente um entrevistado não contestou a ideia dos papéis de homem ou mulher, embora tenha dito de uma forma que demonstra que ele pode não concordar com isso, apenas compara com um modelo:

“Se a gente for pensar por essa sociedade que a gente vive, seria eu papel de homem e ele papel de mulher, nesse padrão que a gente vive, sabe? Por que ele gosta de cuidar da casa.

Sabe, esse padrão social que a gente tem. Ele gosta de cuidar da casa. Eu gosto muito de cozinhar, eu gosto de lavar louça, eu que cuido do jardim, eu gosto de plantar coisas, entende? Talvez responsabilidade. Não, vamos mudar essa história aí. Eu acho que responsabilidade... Sabe a responsabilidade que um casal hetero tem? O marido fica responsável pelas contas, de organizar essas coisas econômicas e tudo. Ele é mais mulher, assim, nesse sentido, sabe?"

BRUNO

3.3. O que sustenta o casamento gay

Na sub-categoria que diz respeito ao que sustenta o casamento gay, os entrevistados foram unânimes em ressaltar elementos que contribuem para solidificar os laços entre os parceiros. Paciência, diálogo, sinceridade, lealdade, confiança, parceria, respeito, afinidade, objetivos em comum, amor e vontade de estar junto foram ressaltados como ingredientes necessários a um relacionamento conjugal.

“Uai, o amor mesmo. O amor... o amor pelo amor, assim. Aquela vontade de estar junto e tal, de falar a mesma língua, isso basicamente. É o que sustenta qualquer relacionamento, né?”

CARLOS

“Nossa, paciência. Primeira coisa. São duas almas masculinas juntas, né? Os impulsos são muito mais agressivos. Por que não tem aquele positivo e o negativo. O feminino e o masculino que a gente vê no dia a dia. Né? A gente vê positivo-positivo, negativo-negativo. Sabe? Então, é a paciência.”

AUGUSTO

“Para mim são os melhores: diálogo, sinceridade e lealdade. (...) Claro que também dentro desses três existe também estabilidade financeira, uma boa convivência sexual na cama, caso contrário você não tem nenhum tipo de sustentação. Se fosse uma tristeza, se a gente não conseguisse compartilhar nem uma alegria, não estávamos juntos até hoje.”

LEANDRO

“Eu acho que... confiança. Eu acho que também... parceria entre as duas partes. Por que às vezes tem dos outros lados, externos, da família ou pessoas mais próximas, às vezes tem umas que parece que ficam torcendo contra. Eu acho que isso ajuda. Torna mais forte o relacionamento. ‘Peraí, esse pessoal tá achando que a coisa não vai dar certo’. E dá sim a relação. Até por que se você for olhar as relações hetero, as pessoas hoje... 5 anos, 10 anos, é uma coisa que... Você pode olhar, as pessoas ficam 5 anos, com a primeira crise as pessoas terminam. E eu acho que a gente se baseia muito mais na confiança e na parceria.”

BERNARDO

“Respeito. Então, se não houver respeito não tem a possibilidade de ser um casamento. Por que só amor, só sexo, isso vc pode fazer sem ter casamento. Pode amar uma pessoa e tal. Agora, você conviver com a pessoa, construir patrimônio, construir sonhos, projetos de vida, desconstruir pesadelos o tempo inteiro, vc tem que ter um respeito profundo pela outra pessoa e ela por você. Então, acho que a palavra que... no casamento homoafetivo, muito mais do que no heteronormativo. Por que no heteronormativo, o heteroafetivo, já é tradicional, já é antigo, passado de pai pra filho, de tios, de parentes. Agora, por exemplo, ninguém veio me explicar como é um casamento homoafetivo. Eu tô descobrindo”. HELDER

“Olha, eu acho que é o amor mesmo. É a vontade de estar junto, é a afinidade, é o diálogo. Por que eu não acho que seja tão diferente de uma relação hetero. Só que às vezes vc tem uma relação hetero que o casal não vive bem, mas como eu tinha falado lá atrás, a diferença entre um e outro. Por exemplo, você tem uma família que ajuda a segurar uma relação, família que eu falo assim sogro, sogra, cunhado. Você tem filhos que ajudam muito. você tem amigos de trabalho. Então, tudo isso ajuda a segurar um relacionamento hetero que, de repente, passa por uma crise, 2 ou 3 anos depois, lá na frente. E a gente não tem isso. Então, o que segura mesmo é a vontade de estar junto. Não tem filho, não tem família. Geralmente, as coisas que a gente tem, cada um tem o seu. Igual eu falei, um tem o plano de saúde e o outro tem também. Se a gente tem uma coisa aqui, um carro, o outro tem também. A gente dá o direito do outro de aquilo ser dele caso falte algum, mas a gente também tenta construir uma coisa meio de igual para igual”. EVANDRO

“O que mais sustenta? Hum, essa pergunta, hein? Eu acho que objetivos em comum é a primeira coisa. Se a gente falar em casamento, o que mantém dois homens juntos? O sexo mantém muito dois homens juntos. Se o sexo é bom, homem é muito ligado a sexo. Então, se o sexo é bom, os dois... Mas aí... num casamento, igual nós já estamos há 5 anos. Daqui mais 5 anos vão ser 10 anos. O sexo vai ser tão bom quanto é hoje? Achamos que não. A gente já até conversou sobre isso. Mas, os nossos objetivos em comum, entendeu? A nossa parceria é... Então, o que principalmente mantém o casamento homossexual pra mim é objetivos em comum. Por que o sexo você adéqua. Hoje não ta legal assim, a gente... A gente gosta de sexo. Os homens naturalmente têm mais facilidade para lidar com o sexo. Infelizmente, infelizmente. Eu não falo isso achando legal, não. Acho muito triste. Mas infelizmente os homens têm mais facilidade de lidar com o sexo do que as mulheres. Por que foram mais... sentem prazer. Claro que o homem não foi criado pra sentir prazer com outro por que é feio e por que é sujo. Mas, de qualquer forma, nós temos mais facilidade pra falar ‘não ta legal, não to gostando disso, não ta legal, agora não to afim’, entendeu? Tipo, se um broxar, o outro não tem muita... Homem entende que o outro broxa, que ele broxa também, é natural. Mas um casamento só se sustenta com objetivos em comum”. FLÁVIO

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se, por meio da análise dos discursos, que novas ideologias vêm se constituindo no contexto das relações conjugais estabelecidas entre homens. Parâmetros sociais que tradicionalmente regulam a relação entre pessoas de sexo diferente pouco influenciam o cotidiano da vida homoafetiva. Os padrões tradicionais de divisão de tarefas normalmente estabelecidos em casamentos heterossexuais, por exemplo, parecem não influenciar as relações homoafetivas. Esses casais não se vêm exercendo papéis definidos como “feminino” ou “masculino”, mesmo quando desempenhem funções habitualmente atribuídas a mulher, como as de cozinhar e de limpar ou organizar o ambiente doméstico.

Há, inclusive, entre os entrevistados, uma preocupação em não ser confundido com um casal heteroafetivo. Com relação ao ritual de casamento, muitos entrevistados relataram o desejo de fazer um ritual de casamento e, assim, compartilhar com os amigos sua condição conjugal, mas têm o cuidado de não torna-lo semelhante ao casamento tradicional de casais heteroafetivo, o que pode ser compreendido como uma tentativa de não estabelecer em suas relações padrões heteronormativos.

A questão de os casais homossexuais masculinos não se verem em um papel feminino confere com a colocação de Louro (2001, apud Darde 2008), que afirma que a sexualidade tem a ver com a forma como socialmente vivemos nossos prazeres e desejos, com a forma como usamos nossos corpos. Então, homens e mulheres não deixam de ser masculinos ou femininos por exercerem sua sexualidade com parceiros do mesmo sexo. Há muitas formas de masculinidade e feminilidade, mas a sociedade reproduz e mantém apenas uma forma de cada um como “normal”.

Embora, como apontam os resultados deste estudo, não se possa afirmar que a vida de casais compostos por dois homens seja comparável à vida de casais formados por um homem e uma mulher, foi possível observar que, em algum aspecto, as relações homoafetivas se assemelham às relações heteroafetivas. A saber, elas seguem um padrão de individualização e valorização da afetividade que marcam também as relações entre homens e mulheres. Nesse sentido, a ideia de que o que sustenta um casamento são sentimentos como parceria, paciência, diálogo, afinidade e amor, comum aos casais contemporâneos de uma maneira geral, independente de serem formados por

pessoas do mesmo sexo ou não, também se aplica aos relacionamentos entre homens. Talvez esta seja resultado, não de uma influência heteronormativa nas relações homoafetivas, mas do aprofundamento do individualismo nas relações contemporâneas.

Esses resultados relacionam-se com o trabalho realizado por Salomé & cols. (2007), segundo o qual:

“O objetivo da união homossexual não é a geração de filhos, mas o amor, o afeto, o carinho, construir uma vida juntos, ou seja, um cuidar do outro no ciclo vital. A base da constituição dessa família deixou de ser a procriação, para se concentrar na troca de afeto, de amor. Se biologicamente são impossíveis duas pessoas do mesmo sexo gerarem filhos, há um novo paradigma para a formação da família, baseando-se no o amor, no respeito, no cuidar do outro e no carinho em vez da procriação. No cotidiano familiar, viver com o outro implica em conviver momentos de alegria e tristeza, e relacionar-se de forma envolvente com o outro ser, significa habitar, amar e cuidar” (Salomé & cols, 2007, p. 2).

Nesta perspectiva, como afirma Maschio (2002), a família afirma-se como o “locus” de amor, sonho, afeto, olhar, companheirismo e tocar. Trata-se, conforme Roudinesco (2003) e Zambrano (2006), do resultado de um processo de mudança que a família, enquanto instituição social, vem sofrendo desde as últimas décadas no mundo inteiro, que vem transformando profundamente sua natureza, função, composição e concepção. Ela deixou de ser um núcleo econômico de reprodução regulado por papéis sociais rigidamente estabelecidos para ser um espaço caracteristicamente afetivo: um espaço do amor, do companheirismo e do sentimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DARDE, V. A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 223 - 234, jul./dez. 2008.

DIAS, M. Família Homoafetiva. **Bagoas**, Natal, n. 03, p. 39-63. 2009.

FRANÇA, M. Famílias homoafetivas. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo v. 17, n. 1, p. 21-33. 2009.

GROSS, M. L' **Homoparentalité – Que sais-je?** 3^a edição. Paris: Presses Universitaires de France, 2007.

HEILBORN, M. L. **Dois é par – gênero e identidade sexual em contexto igualitário.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

MASCHIO, J. J. A adoção por casais homossexuais. **Jus Navigandi**, v. 6, n.55. 2002.

MELLO, L. Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. **Cadernos Pagu**, v. 24, p. 197-225, 2005.

ROCHA-COUTINHO, M. L. A análise do discurso em psicologia: algumas questões, problemas e limites. In: SOUZA, L.; Quintal de Freitas, M.F. & Rodrigues, M.M.P. (orgs). **Psicologia: reflexões (im)pertinentes.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SALOMÉ, G., ESPOSITO, V. & MORAES, A. O significado de família para casais homossexuais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n.5, p. 559-63. 2007.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ZAMBRANO, E. Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis, transexuais. **Horizontes Antropológicos**, v. 12, n. 26, p. 123-147. 2006.

